

ÁGUA MEMÓRIA: REDE PAISAGÍSTICA DE MANEJO HÍDRICO E RESGATE HISTÓRICO NA CIDADE NOVA, RIO DE JANEIRO

HENRIQUES ABREU, Sergio Felipe¹ (sergio.abreu@fau.ufrj.br); REZENDE, Bianca Naylor² (biancanaylorr@gmail.com); ROCHA-PEIXOTO, Gustavo (gustavopeixoto@fau.ufrj.br)¹

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

²Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil

Palavras-chave: Cidade Nova, Paisagem natural e cultural, Manejo hídrico, Resgate histórico, Soluções baseadas na Natureza

Resumo

O bairro da Cidade Nova, na zona central do Rio de Janeiro, nasceu da sobreposição de planos urbanos e projetos arquitetônicos que descaracterizaram uma importante paisagem natural e cultural de formas sucessivas. Em vista disso, partindo de uma análise da relação entre essas paisagens, propõe-se um projeto de caráter conceitual que busca resgatar a memória do bairro ofuscada pela evolução da cidade através do revelar das suas águas. Para tal, ocupa-se cinco áreas residuais no entorno da estação de metrô da Praça Onze, rugosidades decorrentes dessa sucessão de decisões políticas sob o pretexto de progresso. Com a introdução de eficientes Soluções baseadas na Natureza, o projeto busca contestar o monofuncional e todo concretado Plano de Controle de Enchentes da Grande Tijuca. Essa reflexão crítica-projetual resulta na Praça da Ruína, no Caminho Onze, na Praça Tia Ciata, na Quadra Amiga e na Praça Alagável São Francisco de Assis, intervenções sustentáveis que compõem uma rede paisagística de manejo hídrico e resgate histórico na Cidade Nova. Ao investigar o que é pelo o que restou, evocar o traçado do que sumiu, memorar ancestralidade cultural, explorar cicatrizes territoriais e mergulhar no que viria a ser, Água Memória possibilita um circuito histórico-paisagístico com grande potencial turístico e educacional.

1 INTRODUÇÃO

A Cidade Nova é um bairro residencial e corporativo na zona central do Rio de Janeiro. Sua proximidade com o centro histórico lhe confere uma importância socioeconômica e cultural notável. Abriga uma variedade de organizações, entre elas a sede da prefeitura, e muito testemunhou a evolução urbana e os reflexos dela nas suas paisagens natural e cultural. Este trabalho parte de uma investigação da Cidade Nova baseada nessas paisagens e, sobretudo, na relação entre elas sob uma perspectiva histórica.

Uma das mais preciosas descrições do Rio de Janeiro do século XIX foi feita por Luccock (1975) em 1808 durante sua estadia de dez anos (1808-1818) no Brasil. Sobre a paisagem natural da região que hoje é a Cidade Nova e dos seus arredores, o comerciante inglês relatou:

“Entre o Hospital [dos Lázaros] e a extremidade norte da baía de São Cristóvão, a praia faz-se relativamente mansa e, embora com a desvantagem maior de receber boa parte das sujices da cidade, apresenta uma encantadora fileira de casitas. O Saco, ou pequena enseada da Gamboa, porção do litoral sul mais ricamente variegado,

1

também é orlado por um renque de habitações, a que as montanhas formam um fundo verdejante” (Luccock, 1975, p. 171).

Essa paisagem original alagadiça, descrita por Luccock (1975) com mangues (p. 162) e ilhotas (p. 243), é uma sensível zona de confluência de importantes rios (Figura 1) que desaguavam no antigo Saco de São Diogo (Vieira, 1989) e atualmente se encontra totalmente aterrada. A região foi sufocada pelo higienismo, os rios desviados e canalizados e, com o novo cenário urbano gerado, as funções ecológicas do ecossistema foram perdidas, o que explica os alagamentos de grande porte nas redondezas da Praça da Bandeira que datam do século XIX.



Figura 1. Sub-bacia hidrográfica do Canal do Mangue em perspectiva e seus rios. Fonte: Henriques; Rezende, 2020.

No contexto das grandes alterações do solo da Cidade Nova no século XXI, destaca-se o Plano de Controle de Enchentes da Grande Tijuca (PCEGT), uma intervenção ambiental na sub-bacia hidrográfica do Canal do Mangue, onde se insere a Cidade Nova. Reivindicado por décadas pelos moradores da Tijuca e bairros vizinhos devido aos históricos alagamentos, o sistema criado conta, no tempo deste texto, com a operação de cinco reservatórios profundos de armazenamento de águas pluviais e posterior liberação delas de forma controlada. Os “piscinões” ficam nas praças da Bandeira (um de 18 milhões de litros), Niterói (três que reservam juntos 58 milhões de litros) e Varnhagen (um de 43 milhões de litros). O sistema também contém o maior túnel de drenagem do Brasil com 3.400 m de extensão, destes 2.700 subterrâneos, que funciona como afluente do rio Joana, um dos principais da Grande Tijuca (Figura 2). Ele tem vazão de 100.000 litros por segundo com deságue na Baía de Guanabara e ajuda a desafogar o já saturado Canal do Mangue.

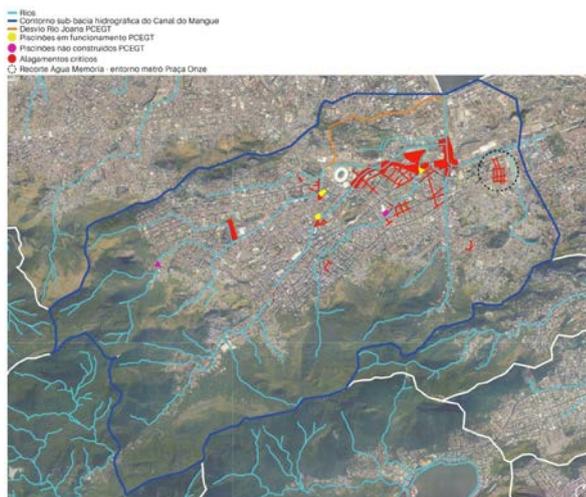


Figura 2. Estruturas do Plano de Controle de Enchentes da Grande Tijuca e principais áreas de alagamentos da sub-bacia hidrográfica do Canal do Mangue em abril de 2010. Dados: Azevedo, 2015. Fonte: Henriques; Rezende, 2020.

Tangendo a construção de uma narrativa cultural da região da Cidade Nova que caminha paralelamente com o desenrolar econômico do Rio de Janeiro, a entrada do século XX é marcada por um aumento do contingente de pessoas na cidade. É nesse contexto que se deu o fenômeno da Diáspora Baiana, êxodo pós-abolição da escravatura caracterizado pela grande quantidade de negros baianos se estabelecendo em bairros cariocas das zonas central e portuária, que compõem o que se chamou de Pequena África, ao fugirem da perseguição étnica e religiosa (Gonçalves; Bautès, 2019).

A história da região que é hoje a Cidade Nova carrega uma bateria de reformas urbanas desde o desmonte da Praça Onze para a abertura da atual avenida Presidente Vargas. A diversificada população de nordestinos, portugueses, judeus do leste europeu e até mesmo de alguns ciganos, que tinham a Praça Onze como catalisadora das suas sociabilidades, usufruía do baixíssimo custo das áreas alagadiças do tecido que aos poucos foi sendo aterrado e que por capilaridade se tornou chão de interseções entre sinagogas, cortiços, mesquitas e terreiros de candomblé. Destes, um dos maiores pertencia a Tia Ciata (Gomes, 2003), dona da casa que recebeu grandes representações do advento do samba, como Sinhô, João da Baiana, Pixinguinha e Donga, este autor do primeiro samba registrado, “Pelo Telefone”, inspirado nos refrões de pagode cantados por Tia Ciata em seu quintal (Moura, 1947).

A transformação das formas naturais e antrópicas da Cidade Nova implicaram no ofuscamento de suas relações ecossistêmicas e de ancestralidade. Apesar disso, a cultura do lugar continua viva se perpetuando através dos seus descendentes e histórias, enquanto a água denuncia a asfixia do solo com inundações e alagamentos. Essas relações que

resistem são rugosidades (Santos, 2004), restos da sobreposição de projetos produtivos na paisagem.

O embate entre as rugosidades e a monumentalidade dos edifícios institucionais e de grandiosas estruturas, como o sambódromo e as vias expressas que cisalham o bairro, demonstram as escalas do que ele era, do que se tornou e logo deixou de ser, e a própria pressão temporal imposta na região, uma sombra de influência para que tudo seja tão espetacular quanto quem a projeta. Posto isto, o propósito deste trabalho é observar as rugosidades das paisagens natural e cultural da Cidade Nova, evidenciando-as e conectando-as através de uma rede paisagística.

2 PROPOSTA

Água Memória é uma resposta crítica às ambiciosas decisões infraestruturais tomadas com o PCEGT no que diz respeito à leitura dos meios hídricos. O manejo das águas aplicado neste trabalho ocorre pela ótica do paisagismo ecológico, com destaque para o uso de eficientes Soluções baseadas na Natureza (SbN) com custos mais baixos de manutenção. Devido ao caráter emergente do conceito, originado no final dos anos 2000, ele apresenta diversas definições e abordagens, mas, fundamentalmente, as SbN envolvem a reintegração da natureza no planejamento urbano ao considerar processos e fluxos naturais para criar benefícios sociais, ambientais e econômicos (Fraga; Sayago, 2020). Reconhecidas em documentos internacionais, como a Nova Agenda Urbana da ONU e o Acordo de Paris, e alinhadas com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, as SbN representam uma transição sociotécnica para cidades mais resilientes, justas e sustentáveis (Fraga; Sayago, 2020).

Água Memória abraça o fundamento das SbN uma vez que reconhece o obsolescência do pensamento higienista de se lidar com a camada da água em contextos urbanos adensados, marcado pela necessidade de se livrar dela o mais rápido possível e, logo, pela negligência dos seus processos e fluxos. Assim sendo, este trabalho questiona soluções convencionais de engenharia focadas na tentativa de controle hídrico por meio de projetos concretados e monofuncionais. Ao invés de piscinões aterrados com sistemas motorizados de drenagem e desvios de rios por túneis subterrâneos, o revelar do solo permeável, uma premissa tão simples e praticamente inexplorada pelo PCEGT, mostra-se eficaz e menos impositiva em uma paisagem que já sofreu o bastante com o sufocamento do solo.

Dados de 2010 da Prefeitura do Rio de Janeiro que fundamentaram as decisões do PCEGT apontam algumas áreas de alagamentos críticos na sub-bacia hidrográfica do Canal do Mangue (Azevedo, 2015; Mattos, 2004). Uma das áreas está inserida na Cidade Nova, especificamente no entorno da estação de metrô da Praça Onze, e não foi contemplada com obras significativas de manejo hídrico (Figura 2).

A partir da estação de metrô da Praça Onze, traçou-se um raio de 200 m e potenciais espaços residuais foram identificados para acomodar as águas (Figura 3). A análise do histórico da região evidencia a demolição de casas e fábricas que deram lugar a estacionamentos ou

vazios sem função social nem ecológica com lacunas urbanas resultantes da escavação do metrô e de bruscas mudanças de configuração das quadras.

Um circuito verde é proposto entre cinco terrenos (Figura 3), cada um com uma vocação principal, que busca resgatar a memória do bairro por meio do manejo das suas águas, intervindo no que restou da sobreposição de projetos que ofuscaram as identidades das paisagens natural e cultural da região que hoje é a Cidade Nova.

As intervenções se baseiam em uma infraestrutura ecológica de SbN que integra jardins de chuva, jardins filtrantes, bacias de retenção e aumento da arborização e da permeabilidade do solo, além de equipamentos urbanos de mobiliário e lazer. O percurso da água afirma a sua própria camada não como um empecilho, mas como parte da paisagem, inclusive histórica, e indica o que se deseja memorar e fazer refletir. Ela permite interação lúdica, resgata locais que foram eliminados pelo desenvolvimento progressista e destaca dinâmicas de ocupação que sobrevivem.

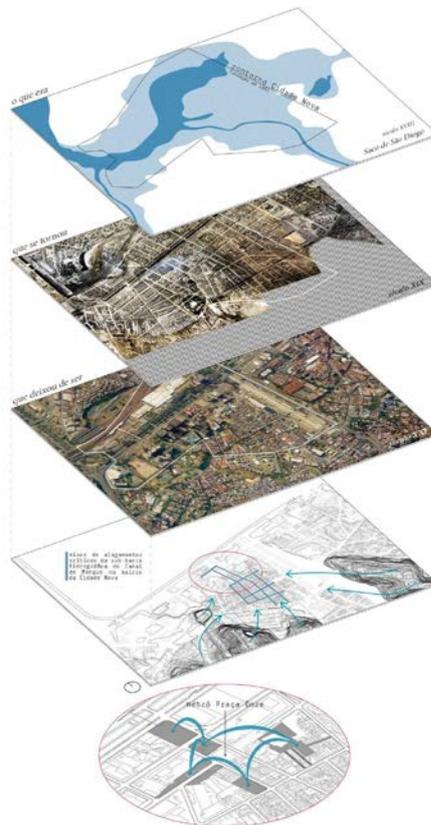


Figura 3. Sobreposição de mapas da região que hoje compõe a Cidade Nova. Dados: Imagine Rio, 2020 (século XVIII); Cartas do Mosaico Fotografico do Distrito Federal, 1928 (século XIX); Google Maps e cadastral da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2020 (século XXI). Fonte: Henriques; Rezende, 2020.

3 RESULTADOS

3.1 Praça da Ruína: investigar o que é pelo o que restou

É um dos recortes com mais área de solo permeável, comportando uma das três bacias de retenção do projeto, necessária para absorver boa parte das águas que descem do morro de São Carlos em direção ao Canal do Mangue. As linhas dos lotes de sobrados derrubados são a referência para o desenho da praça. Um deles resistiu ao domínio corporativo e sua ruína é saudada pelo caminho da água, convidando os pedestres a investigar um fragmento do passado do bairro e se apropriar do novo espaço público (Figura 4).



Figura 4. Água Memória: Praça da Ruína. Esquina da rua Laura de Araújo com rua Santa Maria, Cidade Nova, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Henriques; Rezende, 2020.

3.2 Caminho Onze: evocar o traçado do que sumiu

A sinuosidade do mangue é lembrada nas formas dos canteiros de um trecho do bairro hoje representado por um vazio monótono e árido resultado de remoções para a construção da linha do metrô. A camada da água se exhibe em valetas nas travessias de pedestres que funcionam como redutores de velocidade para os automóveis. Jardins de chuva acompanham o traçado das ruas, captam a água e a direcionam para as bacias de retenção. A travessia pelo metrô da Praça Onze é destacada pela valeta que perpassa a estação e indica o caminho até a Quadra Amiga, recorte detalhado posteriormente (Figura 5).

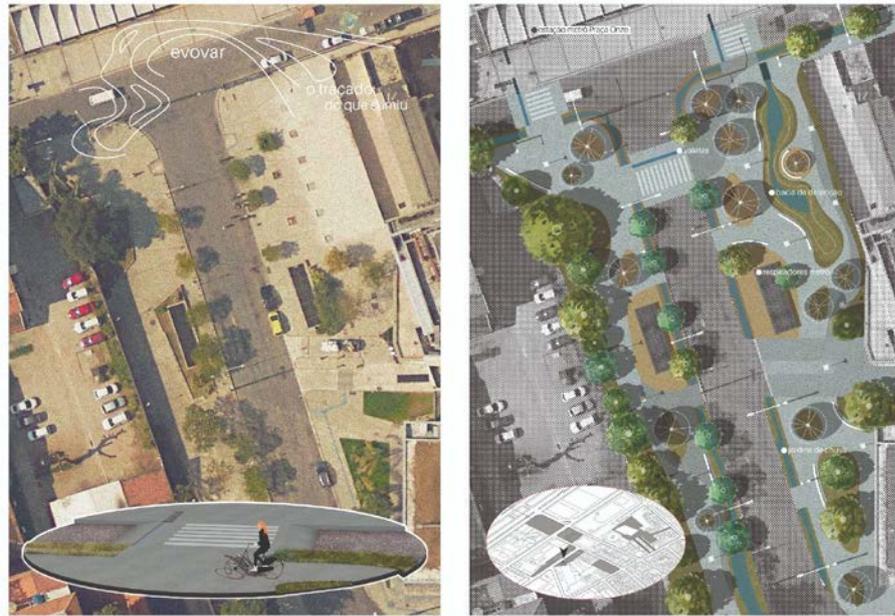


Figura 5. Água Memória: Caminho Onze. Rua Júlio do Carmo, Cidade Nova, Rio de Janeiro, RJ.
Fonte: Henriques; Rezende, 2020.

3.3 Praça Tia Ciata: memorar ancestralidade cultural

A figura histórica marcante de Tia Ciata é celebrada com a fundação de uma escultura em sua homenagem, a primeira da cidade. Para dar a devida visibilidade, ela é implantada em um eixo de atravessamento muito utilizado no bairro devido à presença da estação do metrô e às micro atividades que avivam a área. Do ponto no qual se situa, irradiam-se espaços acolhedores para conviver e que amparam a ativação do Bar do Black, já bastante frequentado pelos moradores e trabalhadores das adjacências e palco de heranças do território como a roda de samba. Esta é evocada pelo próprio desenho da praça e pela disposição do mobiliário em roda, onde no centro das atenções está a Tia Ciata como receptora do som que através dela se propagou e se enraizou na história do Rio de Janeiro. Em dias chuvosos, o entorno da escultura inunda. A água, então, interliga-se com a Tia Ciata e a realça, amarrando a revitalização sem negar as memórias de manguê (Figura 6).



Figura 6. Água Memória: Praça Tia Ciata. Esquinas da rua Benedito Hipólito com rua Laura de Araújo e rua Carmo Neto; beco Pedro Pereira Pinto, Cidade Nova, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Henriques; Rezende, 2020.

3.4 Quadra Amiga: explorar cicatrizes territoriais

A desconfiguração da malha do bairro aumentou o percurso de contorno da quadra e inviabilizou a ocupação do seu miolo, hoje tomado por algumas vagas para veículos. O desenho proposto procura retomar atravessamentos perdidos, estimulando a investigação do interior da quadra, e oferecer um refúgio verde com foco na biodiversidade nativa e propício para o lazer contemplativo. A água percorre a calha cujo traçado sinuoso induz a interação lúdica e o desvendar do ambiente. Abre-se o beco do Caboclo Roxo, um atalho em homenagem à conhecida tenda espírita com o mesmo nome situada ao lado, e uma quadra poliesportiva com vestiários ajuda a suprir a demanda do bairro por equipamentos para a prática de atividades físicas. A implementação do projeto é facilitada pelo caráter público da maior parte da área do recorte (Figura 7).

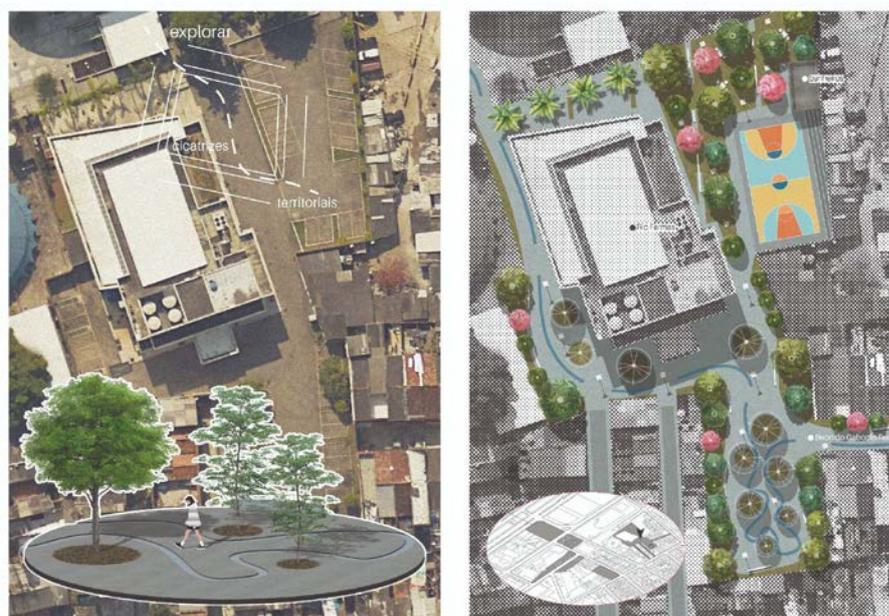


Figura 7. Água Memória: Quadra Amiga. Entorno do Rio Farmas e Circo Crescer e Viver, Cidade Nova, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Henriques; Rezende, 2020.

3.5 Praça Alagável São Francisco de Assis: mergulhar no que viria a ser

Em 2014, o Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro suspendeu a polêmica obra do edifício que abrigaria sua nova sede após denúncias de preço excessivo na licitação, deficiências no projeto básico e falta de licença do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O terreno foi devolvido à prefeitura com quatro andares de subsolo escavados e fundações prontas. Desde então, o espaço, uma laje que cobre um buraco de 10 m de profundidade, é mais um hiato desinteressante na Cidade Nova decorrente de decisões políticas mal planejadas.

O projeto se apropria do potencial do que viria a ser para implantar a sua maior bacia de retenção naturalizada, fundamental para amortecer as águas que, em função da topografia, atravessam o terreno até o Canal do Mangue para finalmente desembocar na Baía de Guanabara. Para tal, retira-se a laje do fundo a fim de permitir a absorção da água pelo solo, aterra-se o buraco para criar um fosso habitável e mantêm-se as fundações que ancoram os pilares de pontes dispostas a respeitar as direções de atravessamento usadas hoje.

O bairro ganha um abrigo arborizado com espécies fito restauradoras que contribuem com o tratamento da poluição difusa que chega ao buraco com as chuvas. Um novo acesso de pedestres ao Hospital Escola São Francisco de Assis é aberto, proporcionando conexão direta de funcionários, visitantes e pacientes com a praça. Os caminhos que desvendam a

profundidade do terreno e o mobiliário que os acompanham são inundáveis. A oscilação do nível da água de acordo com as precipitações diversifica os usos do ambiente. Dessa forma, o habitat planejado se transforma naturalmente, oferecendo sempre impressões e experiências novas (Figura 8).



Figura 8. Água Memória: Praça Alagável São Francisco de Assis. Esquinas da rua Carmo de Neto com rua Benedito Hipólito e avenida Presidente Vargas, Cidade Nova, Rio de Janeiro, RJ. Fonte: Henriques; Rezende, 2020.

4 CONCLUSÃO

O ganho estético das intervenções e a lógica sistêmica adotada, que interligam os cinco terrenos, estabelecem um circuito de resgate histórico-paisagístico com grande potencial turístico e educacional. Em conformidade com a ideia da difusão das SbN como estratégia econômica para o desenvolvimento humano (Fraga; Sayago, 2020), um projeto expográfico e de sinalização adequado entre as praças ligado a visitas guiadas com foco nas narrativas culturais e ambientais propostas por este trabalho possibilitariam a revitalização da região ao apresentar sua história, fomentar a pequena economia e a apropriação dos espaços públicos. A localização privilegiada, na região central da cidade e bem servida de transporte, favorece essa possibilidade. O habitat interconectado também estimula a presença da fauna nativa pois funciona como trampolim para diversas espécies entre os fragmentos vegetados mais próximos. O aumento da arborização e da permeabilidade do solo contribui diretamente na

regulação do microclima, reduzindo as frequentes ilhas de calor na Cidade Nova, e na moderação de alagamentos.

No tecido violado da antiga Praça Onze, coração do projeto, a água não é aprisionada, mas revelada de forma afetuosa pelo seu caminho natural nas rugosidades da antropização da paisagem.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Azevedo, Marina de Abreu. Integrando água e planejamento urbano: um estudo sobre intervenções mitigadoras de enchentes na Grande Tijuca. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Ambiental) – Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Fraga, Raiza Gomes; SAYAGO, Doris Aleida Villamizar. Soluções baseadas na Natureza: uma revisão sobre o conceito. *Parcerias Estratégicas*, Brasília, v. 25, n. 50, p. 67-82, jan/jun, 2020.

Gomes, Tiago de Melo. Para além da casa da Tia Ciata: outras experiências no universo cultural carioca, 1830-1930. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 29-30, p. 175-198, 2003.

Gonçalves, Rafael Soares; Bautès, Nicolas. Cidade Nova, Praça Onze e a abertura da Avenida Presidente Vargas: do apagamento à ressurgência da memória da Pequena África do Rio de Janeiro. *In: Lanna, Ana Lucia Duarte; Cymbalista, Renato; Sochaud, Sylvain (Org.). Transições metropolitanas e centralidades nas cidades brasileiras no breve século XX. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2019. p. 119-154.*

Luccock, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1975.

Mattos, Rosa Augusta Aluizio de. A gestão sustentável de recursos hídricos - experiência e desafios regionais: o caso do controle das enchentes da bacia hidrográfica do rio Joana, Rio de Janeiro. 2004. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Faculdade de Engenharia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

Moura, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1947.

Santos, Milton. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

Vieira, Lidia Maria de B. Mattos. Transformação do solo urbano em São Cristóvão de 1567 a 1967. Rio de Janeiro: IPPUR, 1989.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Agradecemos aos professores Cecilia Herzog, Duarte Vaz, Flaviana Vieira e Pierre Martin pelas orientações que contribuíram para o desenvolvimento do projeto Água Memória.